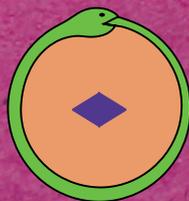
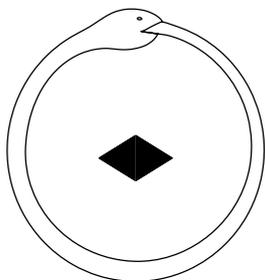


O MUNDO JÁ É  
INCRIVELMENTE ENCANTADO  
Natasha Myers



cadernos  
SELVAGEM



## O MUNDO JÁ É INCRIVELMENTE ENCANTADO

Natasha Myers

Esta é a transcrição e tradução de uma entrevista com a antropóloga Natasha Myers, realizada no contexto do festival *Agir pour le Vivant*, em 23 de agosto de 2021. Natasha participou por vídeo da mesa “Ser uma árvore” [“Être un arbre”], que reuniu presencialmente o botânico Francis Hallé e o escritor Alexis Jenni em Arles, na França.

Meu nome é Natasha Myers e sou antropóloga de plantas, mas também estudo toda uma série de outros temas. Primeiramente, fui bióloga molecular de plantas no final dos anos 1990. Estudava o modo como o meristema floral se organiza para formar uma flor – e isso me fascinava. Eu já era apaixonada pelas plantas naquela época, mas eu também era bailarina. Meu trabalho coreográfico e questionamentos sobre os movimentos do corpo humano rapidamente se misturaram aos meus estudos biológicos de tal modo que isso mudou definitivamente minha maneira de compreender como as plantas crescem e se movem.

Comecei então a pensar em termos de movimento e fui paulatinamente abandonando as ciências puras para me interessar pelas maneiras que as práticas científicas poderiam integrar saberes corporais – como por exemplo o saber que eu tinha sobre o mundo vivo através da minha prática de dança. Me debrucei então sobre um novo domínio de pesquisa em ciência e tecnologias, onde se questiona o modo que as ciências e técnicas constroem seus saberes. Mais tarde, migrei para o mundo da antropologia e encontrei uma maneira de integrar meu amor pelas plantas ao meu trabalho antropológico. Dessa forma, eu diria que meu amor obsessivo pelas plantas, cultivado desde o início dos anos 1990, encontrou seu caminho na minha pesquisa científica e criativa. Meu objetivo é estender o campo da investigação antropológica, ir além da nossa própria sociabilidade, das nossas próprias existências e incluir-nos em algo mais que humano. Essa é a minha maneira de pensar sobre o

“nós”, a formação coletiva que nos permite ser humanos. É uma forma de reconhecer que nos tornamos humanos através das nossas relações com todos os outros seres vivos, é um gesto que nos permite contar com formas de *agência*<sup>1</sup> que nós tradicionalmente reservamos aos humanos e tenta ampliar nossa compreensão das práticas, prazeres e desejos de outras formas vidas além da nossa.

Sabe, muitas vezes o problema dos humanos é o problema de saber o que é o humano, o problema de circunscrever essa questão. Realmente, temos que pensar sobre a formação do humano, mas também no que está além disso. E há tanto a descobrir que isso ultrapassa nossos pequenos eus. Reconhecer verdadeiramente nossa humanidade é nos reconhecermos enquanto coletivos, é reconhecer as forças e formas de vida que nos dão vida, é compreender que nosso alimento, nossa própria substância, o substrato sobre o qual vivemos foi feito pelas plantas. Elas moldaram este planeta para torná-lo habitável e respirável para nós. Como começar a compreender sua agência sobre nossa formação? É possível desenvolver um sentido muito mais profundo da nossa própria humanidade se começarmos a reconhecer que nossa humanidade faz parte de um mundo que é construído e dominado pelas plantas, que é dirigido pelas plantas, que é organizado pelas plantas. Isso geraria uma espécie de humildade diante da vida coletiva nesse planeta. Se nos perguntarmos o que podemos aprender com as plantas – se considerarmos que procedemos das plantas e que não estamos no controle ou na jardinagem decidindo quem cresce e onde. Se estivermos intimamente convencidos de que procedemos das plantas, teremos relações muito diferentes com elas, que são da ordem da reverência. Nós então reconheceremos o que nos dá vida e abriremos nossas mentes para imaginar um invólucro muito maior que reúne todos nossos corpos de carne e sangue junto com todas as plantas que nos sustentam.

A ideia de *anthropos* é geralmente centrada no ser humano, o que parece normal, mas me divirto um pouco com o vocabulário, formando palavras que nos permitem produzir inclusões que reconhecem que o humano está sempre inscrito, formado e alimentado pelas plantas.

---

1. No campo da Sociologia e Antropologia, o conceito diz respeito à capacidade de um indivíduo de agir de modo independente (N.T.).

Ao mesmo tempo, a ideia não é que um domine o outro: é uma relação, e por isso eu privilegio os *planthropos* em vez dos *anthropos* como o agente, o coletivo que temos que considerar ao tomar nossas decisões sobre como nos movemos pelo mundo, como construímos nossas cidades, como interagimos com os territórios, com a nossa comida e com absolutamente todo o resto. Incluir as plantas nesse *planthropos* nos dá uma visão mais ampla sobre o que é realmente a humanidade, mas também sobre o impacto de nossas ações no mundo. Se tivéssemos um cúmplice, alguém que nos oxigena, um ser que nos dá o sopro da vida e simplesmente nos permite viver, como cuidaríamos dele? Como reconheceríamos e honrariamos essa relação?

A maioria das ideias com as quais estou brincando hoje tem a ver com esta profunda conexão. Não faz sentido que os humanos se coloquem à parte e se retirem do mundo vivo para ver a vida se desenrolar diante de seus olhos enquanto lavam suas próprias mãos. Estou falando de um mundo de integração que entrelaça nossas vidas aos ritmos e práticas das plantas. É uma forma de imaginar o futuro radicalmente oposta àquela dos que pensam que o mundo só irá se curar se livrando dos humanos. Eu acredito que nós somos responsáveis por essa grande confusão, mas devemos ficar aqui e rever nossas relações, para poder fazer melhor nesse planeta.

O que eu gosto nesse conceito de *planthropos* é sua capacidade de abertura máxima, mas que também nos dá a possibilidade de reconhecer que temos responsabilidades. Ele reconfigura completamente o mapa e nos faz confrontar nossa responsabilidade de nutrir as plantas, por nossa vez. É um chamado para nos preocuparmos com as plantas que estão imediatamente ao nosso redor, para construir novas relações com elas – especialmente com as que vivem nos vasos em nossos apartamentos –, para nos perguntar se elas têm água suficiente, luz suficiente. Quais serviços podemos lhes oferecer para viver melhor no mundo em que elas estão imersas, onde purificam nosso ar, fornecem nosso oxigênio, metabolizam nosso carbono? Precisamos reconhecer nossa cumplicidade e nosso papel no bem-estar delas.

O que adoro fazer, a coisa mais simples que possa me trazer alegria, é participar da vida das plantas que experimentam o prazer da polinização.

Você pode fazer algo tão simples como pegar a rama de uma cenoura ainda presa à ponta da raiz e, ao invés de jogá-la na composteira, você a planta no solo. Ela crescerá, florescerá, dará sementes e talvez esse seu gesto atraia insetos polinizadores, alimentando assim os aliados das plantas. Foi o que fiz no verão passado: resgatei algumas cenouras da minha cozinha e as lagartas conseguiram encontrar o caminho para se alimentarem das folhagens até se metamorfosearem em borboletas. Gosto da ideia de que podemos participar ativamente dos relacionamentos e prazeres necessários para a sobrevivência das plantas, e chamo esta preocupação com os seres além de nós mesmos “um serviço para a comunidade não humana”.

Uma das coisas mais violentas que as ciências da vida têm feito ao mundo vivo é tornar o prazer, o jogo e o desejo absolutamente impensáveis para outros seres que não os humanos. Chamo isso de mecano-antropomorfismo pois reduzimos o conjunto de seres vivos a nada mais que máquinas, e portanto, ferramentas à nossa disposição, recursos, matérias-primas para nossas próprias tecnologias. Transformamos o mundo em um autômato ou um mecanismo cego a mando de um código genético. Toda minha pesquisa ao longo da vida está focada no modo em como as ciências da vida apreendem o mundo como um mecanismo – e na busca por soluções para quebrar este feitiço que formata nossa maneira de contar histórias sobre o mundo vivo. Se recusarmos o desencanto provocado pelas ciências, se reconhecermos que o mundo visto através desse desencanto é incompleto e que há uma efervescência de histórias que emergem de todos os lados através das histórias contadas pelas ciências da vida seremos capazes de nos libertar deste filtro que vê todos os seres como materiais disponíveis para nosso domínio e uso. Para mim, é uma forma de ativismo alterar e retrabalhar as narrativas da ciência, trazer à tona outras formas de pensar sobre o mundo vivo e reconhecer que há muito esforço sendo feito para causar o desencanto. Mas é justamente o fracasso em desencantar que nos permite reconhecer que o mundo já é incrivelmente encantado. Esse é um conceito que me faz pensar muito nos aportes brilhantes que o trabalho de Vinciane Despret me trouxe. Isso me ajudou bastante a reconhecer a violência inerente às práticas científicas ao reduzir o mundo vivo a um monte de objetos.

Mas também é uma abertura para restaurar o mundo vivo através de uma forma de reconhecimento de práticas tais como o prazer, a sexualidade ou a sensualidade dos encontros polinizadores entre plantas e animais, ou ainda o prazer de morder uma folha para os insetos, ou então o prazer que as plantas sentem quando conseguem capturar um pouco melhor a luz do sol ou purificar a água. Nós nos abrimos assim para novas formas de relacionamentos onde entendemos que qualquer ser vivo que sinta o mundo merece nosso respeito – e eu tiro isso do Merleau-Ponty –, essa forma de consciência sensível que nos permite renovar completamente nossas relações com as plantas, para compreendê-las melhor em suas diferenças. Não para considerá-las como nós mesmos, em uma forma de antropomorfismo, mas uma maneira de aprender a *vegetalizar* nossos próprios tecidos para aprender a sentir e provar o prazer que uma planta pode experimentar. Temos muito trabalho a fazer enquanto seres humanos que foram tão bem ensinados a desvitalizar o mundo. Meu trabalho é conseguir mudar essa história.

Penso que é realmente importante mudar essa história e estou muito interessada nas maneiras possíveis de modificar nossos imaginários: como mudamos o tom, a textura, o jeito e os fundamentos da nossa visão de mundo? Isso requer experimentações radicais, requer ir contra as evidências e contra o que tomamos como verdade. Estou particularmente interessada em nosso “bom senso”, nosso senso do bem e do mal, e em como esse bom senso tem sido influenciado por toda uma série de pensamentos problemáticos, que vão do colonialismo ao capitalismo. É senso comum, por exemplo, pensar em florestas em termos de “serviços ecossistêmicos”. Quero romper com esse jeito de pensar e despertar novas formas de imaginação. E a melhor maneira de fazer isso não é através da argumentação. Precisamos ser hipnotizados, precisamos ser atraídos por formas totalmente diferentes de sonhar. Nesse sentido, os encantamentos são interessantes, ou o modo pelo qual é possível lançar um feitiço para quebrar o feitiço que ainda age sobre nós no momento. E então, a imaginação tem que ser realmente radical, vir de um horizonte totalmente novo. As plantas são incrivelmente generosas, elas dão muito. É preciso lhes pedir permissão quando você desenvolve sua relação com elas. Mas quando a relação é boa, elas são incrivelmente generosas

com sua sabedoria, com seu conhecimento do mundo, com os experimentos radicais que fazem no mundo que as circunda. Elas querem compartilhar, e portanto se você estiver aberta ou aberto a isso, de forma profunda, então há muito o que aprender. Se reconhecermos que as plantas são professoras, elas sabem nos ensinar como curar o planeta, como desintoxicar nosso mundo. Elas sabem como cuidar do ar, como socorrer o clima. É preciso escutá-las e aprender a receber delas. Elas podem nos dizer diretamente o que devemos fazer e são elas, aliás, que me dão suas instruções.

Natasha é professora adjunta do departamento de Antropologia da Universidade de York e diretora do *Plant Studies Collaboratory* [Colaboratório de Estudos das Plantas], grupo interdisciplinar criado por ela em 2011, que reúne acadêmicos, artistas, médicos e ativistas para semear futuros *Plantropocenos*, ou seja, cenários nos quais as pessoas formam projetos solidários com as plantas para germinar mundos habitáveis. Realiza, em parceria com a bailarina Ayelen Liberona, o projeto audiovisual *Becoming sensor* [Tornando-se sensor] que propõe um olhar decolonial sobre o mundo vivo e o (re)despertar da nossa atenção para formas de sensibilidade não humanas através de imagens e sons cinestésicos.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A coordenação editorial é de Victoria Mouawad e a editoração de Isabelle Passos.

Mais informações em [selvagemciclo.com.br](http://selvagemciclo.com.br)

Agradecemos a Luisa Morais pela tradução.

CORREALIZAÇÃO



LUISA MORAIS

Crescida no Vale do Jequitinhonha, na cidade de Minas Novas, em Minas Gerais. Luisa mudou-se para Belo Horizonte para seguir seus estudos e obteve licenciatura português-francês pela UFMG. Atualmente trabalha como tradutora e professora de francês.